



A família na janela da cozinha construída com técnicas de permacultura.

## Cleomar e Odevandro: uma vida nova pela agroecologia

Foi assim: o Odevandro Nogueira e a esposa, Cleomar Barbosa, viviam uma rotina de cidade de interior de médio porte: trabalhando muito e sem dar tanta atenção ao que comiam. Ele, técnico agrícola; ela, professora de educação infantil.

Com o passar do tempo, ele começou a trabalhar no CETRA - O Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora, uma entidade de assessoria agroecológica às famílias do campo. Conhecendo os projetos de agroecologia no CETRA, o Odevandro foi aprendendo mais e mais sobre alimentação saudável, a importância de consumir frutas e verduras e reduzir industrializados. Também passou a conviver com os agricultores e agricultoras, entendendo os jeitos de plantar, colher, do cuidado com os animais e com as pessoas.

O que aprendia na lida acabava chegando em casa. A família melhorou a alimentação e foi nutrindo um desejo de mudar de vida. Depois de um tempo e muita conversa, os dois decidiram aproveitar a oportunidade: pegaram as coisas, os dois filhos pequenos e foram morar num pequeno lote na comunidade de Serrotinho, em Tururu, no Ceará. A partir daí, o terreno virou um grande centro de experimentações agroecológicas.

A casinha de taipa da frente é a porta de entrada para o espaço, batizado por Doidim dos Mato, que é uma mistura de floresta, com casa e laboratório vivo.

Na chegada, a biblioteca comunitária dá boas vindas às diversas pessoas que visitam o local. Em volta da casa, bioconstruções, canteiros de ervas, árvores nativas e outros espaços de um lar que se mistura à agrofloresta. À direita da casa, o banheiro úmido rega plantas a partir de uma bacia de evapotranspiração (BET). Bem do lado, um pequeno galinheiro.

Dali, um caminho estreito, rodeado por outros canteiros leva ao banheiro seco, instalado lá no alto. Quem se serve do equipamento, aprecia uma linda vista da região enquanto contribui com a adubação orgânica.

Mais adentro do sistema agroecológico, fica a cozinha circular, construída à mão pela família. Dentro dela, um fogão do tipo foguete, reinvenção do fogão à lenha tradicional. A bioconstrução é feita num formato mais alto, de modo que seja possível utilizar menos madeira e produzir mais calor, aproveitando gases e lenha que não seriam utilizados num modelo comum.

Adiante, estão as cabras que dão o leite consumido pela família. À direita da cozinha, embaixo do cajueiro, há uma grande área de convivência que vai juntar os diversos visitantes em rodas de conversa. Isso, pertinho de um grande espaço aberto que eles levantaram do barro e onde ocorrem os almoços coletivos.

A ideia, segundo Odevandro, é que cada cômodo da casa seja conectado à agrofloresta. Ele explica que o sistema ainda está em construção. Ainda há planos, por exemplo, de levantar um quarto na árvore para o filho pequeno Arthur, e de fazer um quarto para o casal no formato de um tipi, construção tradicional dos indígenas americanos. As invenções seguem o ritmo próprio de um ambiente que tenta respeitar as regras da natureza e, se possível, imitá-la.

Quando chegaram no terreno, a área estava em estado avançado de degradação. Atualmente, e já com outros dois lotes de terra agregados, eles dividem a floresta de alimentos em cinco espaços distintos no terreno próximo à margem do rio Mundaú.





Odevandro em um dos seus Sistemas Agroflorestais.

Aroeira, angico, cumaru, juazeiro, ipês amarelo, rosa e roxo, jacarandá, barriguda, são apenas algumas das árvores nativas que já crescem no lugar. Para comer, eles contam ainda com pés de acerola, manga, tangerina, laranja, limão, coco, graviola, ata, mamão, diversos tipos de banana, e tantas outras delícias que se ajustam ao clima.

Mas não tem sido fácil. Uma das principais dificuldades foi com a irrigação dos plantios. No início, eles usavam tambores para alimentar o sistema com água vinda do rio. Atualmente, já existe água encanada que é disponibilizada alguns dias na semana. Além disso, a água de beber e cozinhar da família fica a salvo em uma cisterna de primeira água.

O casal tem planos de conseguir instalar um sistema de irrigação na agrofloresta que permita tanto aguar as plantas quanto aparar o fogo que já quase destruiu a área algumas vezes.

Contudo, a agroecologia não é somente sobre plantar e colher. É um modo de vida que o Odevandro e a Cleo acolheram. Nesse processo, além de mudarem a rotina, também reinventaram os jeitos de ver o mundo.

A virada de chave começou pela alimentação, lembra ele. Quando precisou falar sobre a importância de hábitos alimentares saudáveis, Odevandro entendeu que só falar sobre isso não era suficiente.

“Lembro que a gente tava numa escola em que a diretora pediu para pausar a palestra e fazer a lista dos alunos que iam querer refrigerante com salgado. Nesse dia foi o principal de pensar: “o que é que eu estou fazendo aqui?””, recorda. “O amigo que eu sou, o profissional, o marido, o pai. Era bem diferente, depois que tive esse contato mais firme com a agroecologia”, adiciona.

## Comendo plantas

Pesquisando sobre os diversos usos dos matinhos dos arredores de casa, Cleomar, que sempre gostou de ervas, conheceu as panc's: plantas alimentícias não convencionais. Assim, além do feijão, arroz, galinha caipira, as refeições da família são enriquecidas e embelezadas com flores de hibisco, couve de rama, temperadas com pimenta de macaco, além de outras possibilidades.

“É muito fascinante porque a gente consegue entender que tem alimento ao alcance, de forma barata e segura”, resalta a Cleomar, hoje, permacultora. Para Odevandro, as pancs trouxeram mais saúde: “não lembro quando foi a última vez que senti uma dor de barriga, dor de cabeça. Muito, muito raro”, garante.

Cleomar destaca o ganho em qualidade de vida após a mudança de rotina: “O ar que a gente respira, esse vento batendo nas árvores. Pra mim, é gratificante demais”.

Já Odevandro encontrou satisfação cotidiana ao levar a palavra da agroecologia adiante. “Eu vivia fragmentos de felicidade. E, hoje, assim, eu vivo praticamente o tempo todo feliz. Você tem estresse, é claro. Acontece algumas coisas, até mesmo no próprio sistema, que você fica triste. Mas, no final a gente entende que tá fazendo uma coisa bacana”.

Esse processo todo só é possível também graças a grande rede de apoio que o casal tem formado nos últimos tempos. Desde doação, plantio de mudas a participação nas construções e na partilha de conhecimentos, existe uma rede envolvida na criação do ambiente. O grupo foi apelidado de Os Doidim dos Mato, nome carinhoso que o casal aderiu.

Segundo Odevandro, a missão dos dois agora é multiplicar a agroecologia.

